

RECENSÕES

Bibliografía Española, 1958— . Madrid, Instituto Bibliográfico Hispânico, Dirección General de Archivos y Bibliotecas, 1959—.

Ortega y Gasset escreveu uma vez que não “puede vivir dignamente una nación sin un Teatro Nacional: sin una biblioteca medianamente provista, España vive deshonrada” (cf. **Obras Completas**, Madrid, Revista de Occidente, 1946, t. I, p. 85). Em compensação, a Espanha possui uma bibliografia nacional comparável às melhores do mundo, sendo esta recensão motivada pelo exame dos volumes correspondentes aos meses de junho e julho de 1974.

Inicialmente publicada pelo Servicio Nacional de Información Bibliográfica, ela continua alimentada por um Depósito Legal, que, a julgar pelo número de referências bibliográficas, é cumprido rigorosamente naquele país. No volume correspondente a julho de 1974 estão referenciadas 1 490 publicações avulsas.

As brochuras mensais são acumuladas anualmente; as acumulações anuais são apresentadas, a partir de 1963, em brochuras e em volumes encadernados. Os verbetes são constituídos por referências bibliográficas completas e indicam também o International Standard Book Number (ISBN), preço, cabeçalhos de assunto e números detalhados de classificação. Arranjo sistemático, segundo as classes mais gerais da CDU, alfabeticamente indicadas no início de cada volume, sempre completado por um índice onomástico, temático e bibliográfico. Este faz remissões para os números individuais dos verbetes, dispostos em duas colunas por página.

Papel e impressão de ótima qualidade e **layout** moderno, as capas da **Bibliografía Española** lembram o “verde que te quiero verde” do inolvidável Garcia Lorca. Quando teremos, no Brasil, uma bibliografia nacional de semelhante categoria técnica e gráfica?

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados — Universidade de Brasília

CONFERENCE ON ACCESS TO KNOWLEDGE AND INFORMATION IN THE SOCIAL SCIENCES AND HUMANITIES. NEW YORK, 1972. **Access to the literature of the social Sciences and humanities.** New York, Queens College Press, 1974. 199 p. \$12.50.

As Ciências Sociais e as chamadas Humanidades colocam para a Documentação problemas muito mais complexos do que os das ciências exatas e naturais. Os documentos — matéria-prima da Documentação — são muito mais variados em Humanidades e Ciências Sociais do que nas ciências da natureza física e biológica. Enquanto nestas predominam textos — suscetíveis de classificação em apenas três categorias: memórias originais, notas prévias e exposições sobre o estado atual de um assunto ou problema — nas Ciências Sociais e nas Humanidades proliferam documentos de outros gêneros — ensaio, ficção, poesia, drama, etc. — e até de outras naturezas: iconográficos, fonográficos, cinematográficos, museográficos (objetos), arquivográficos (manuscritos) etc.

Além disso, a informação registrada em documentos de interesse para as Ciências Exatas e Naturais é, pelo seu caráter unívoco, facilmente codificável para fins de “armazenagem e recuperação”, o que não ocorre com as Ciências Sociais — cuja imprecisão conceitual começa com sua própria denominação e acaba em palavras como “cultura”, “estrutura”, etc. — e, muito menos, em áreas como a Filosofia, a Teologia, a Mística, a Literatura, a Música, as Artes Plásticas.

Mas longe de constituir-se num obstáculo, tal complexidade tem sido um aliciente desafio aos pesquisadores, cujo trabalho vem sendo recentemente facilitado pelo crescente inter-relacionamento entre cultura científica e cultura humanística. Já em 1950, ao organizar sua décima quinta reunião anual, a Escola de Biblioteconomia da Universidade de Chicago incluiu na abordagem temática de problemas bibliográficos, não apenas as Ciências Naturais, mas também as Humanidades e as Ciências Sociais. **Bibliographic Organization**, editada por Jesse H. Shera e Margaret E. Egan (Chicago, University of Chicago Press, 1951) terá sido uma obra pioneira neste sentido. Outra pioneira foi a documentalista inglesa Barbara Kyle, cujos artigos estão, infelizmente, esquecidos.

Para debater problemas de acesso à informação tanto nas Ciências Sociais como nas Humanidades, o Departamento de Biblioteconomia do Queens College, da City University of New York, promoveu em abril de 1972 uma conferência cujos trabalhos estão reunidos na obra coletiva aqui comentada. O texto — prefaciado pelo professor Morris A. Gelfand e com introdução assinada por ele e pelo pro

fessor Robert A. Colby — divide-se em cinco partes: I — Considerações teóricas; II — Acesso ao conhecimento e à informação em Humanidades; III — Acesso ao conhecimento e à informação em Ciências Sociais; IV — Exame geral e implicações; e V — Pesquisas necessárias no futuro. O volume inclui ainda listas de colaboradores e participantes e um índice. Gráficos, fotografias e facsímiles ilustram o texto com exemplos de **software** e **hardware** no processamento da informação em Ciências Sociais.

Cada uma das quatro partes iniciais reúne as comunicações e resumos dos debates por elas suscitados. A parte V contém considerações conclusivas daquele que é também autor de uma das melhores contribuições à conferência: o bibliotecário inglês Maurice B. Line.

Os professores Gelfand e Colby souberam equilibrar, na organização da conferência — equilíbrio que se manifesta, conseqüentemente, no texto da obra — considerações teóricas e exposições de caráter prático a respeito de indexação e resumo com aplicação de equipamento eletrônico.

Embora a conferência tenha aludido às Humanidades e às Ciências Sociais, estas foram muito melhor contempladas que aquelas. Deve-se esclarecer, a propósito, que a contribuição do Dr. Walter S. Achart intitula-se “Abstracting and bibliographic control in the modern languages and literature”, título, evidentemente, muito mais restrito do que o indicado no sumário: “Abstracting and bibliographical control in the Humanities”. Mesmo os autores de comunicações cujos títulos falam de Humanidades tratam menos destes do que de Ciências Sociais, em geral.

Não faltam, entretanto, experiências de aplicação de computadores na “armazenagem e recuperação” da informação de interesse para as Humanidades. Dom Jacques Froger ocupou-se do assunto em artigo publicado pela revista **Diogène**, da UNESCO (v. 52, p. 52-100, outubro/dezembro de 1965). E existe todo um volume da **Revue Internationale de Philosophie** dedicado ao tema “Études philosophiques et Informatique” (v. 103, fascículo 1, 1973).

Infelizmente, os bibliotecários de língua inglesa costumam ignorar, com raras exceções, o que se publica em francês sobre assuntos como este. E por causa dessa ignorância, vários deles estão caindo no ridículo de se considerarem introdutores de conceitos e inventores de palavras já consagradas em língua francesa. O inglês Alan Pritchard, por exemplo, considera-se criador da **bibliometria** (cf. **Journal of Documentation**, v. 25, n. 4, p. 348-349, December 1969), certamente por desconhecer que a palavra apareceu em 1934, no **Traité de Documentation** de Paul Otlet (p. 13-16).

Na introdução da obra, os professores Robert A. Colby e Morris A. Gelfand anunciam com grande júbilo que a Dra. Ilse Bry introduziu, em sua comunicação, o conceito de **sociobibliografia** (p.7). A comunicação da ilustre editora do **Mental Health Book Review Index** é uma das melhores do volume, mas sua pretensão de prioridade na conceituação da **sociobibliografia** é — lamento dizê-lo — infundada. O verbete que escreveu para a **International Encyclopedia of the Social Sciences** (v. 7, p. 326-331) é de 1968. Ora, quem primeiro teorizou sobre o assunto foi o inglês J. D. Bernal, em seu livro **The Social Function of Science** (1939); o primeiro estudo sociobibliográfico parece ter sido o do francês Victor Zoltowski — “Les cycles de la création intellectuelle et artistique” — publicado em 1955 no volume de **L’Année Sociologique** correspondente a 1952 (p. 163-206). E de 1967 é a obra monumental em que Abraham Moles estuda exaustivamente o que a Dra. Ilse Bry chama de **sociobibliografia** e para o professor de Estrasburgo é **Sociodinâmica da Cultura**. Diga-se de passagem que ao inventariar as mais significativas pesquisas sociobibliográficas, no já citado verbete da **International Encyclopedia of the Social Sciences**, a Dra. Ilse Bry omitiu importantes contribuições como as de Louis V. Xhignesse, Charles Osgood e Derek J. de Solla Price, todos citados por Abraham Moles.

Com tais reparos não quero negar nem diminuir a importância da comunicação apresentada pela Dra. Ilse Bry, que alia ao saber teórico de seus editoriais no **Mental Health Book Review Index** o conhecimento prático demonstrado como editora desta utilíssima publicação, Todos os trabalhos incluídos na obra merecem leitura e meditação. Trata-se de valiosa contribuição aos estudos e pesquisas sobre Documentação em Ciências Sociais.

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados — Universidade de Brasília

MOLES, Abraham A. **Sociodinâmica da Cultura**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo, Editora Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo, 1974. 336 p. (Col. Estudos, 15)

Tenho elogiado e citado tantas vezes esta obra que certamente me repetirei ao comentar sua recente tradução para a língua portuguesa, na qual já se encontram outras obras do autor, como **Teoria da Informação e da Percepção Estética** (Tempo Brasileiro,

1969), **A Criação Científica** (Perspectiva e Editora da USP, 1971), **O Kitsch** (idem, 1972), **Rumos a uma Cultura Tecnológica** (idem, 1973), e **O Cartaz** (idem, 1974). Também já foram publicadas no Brasil algumas das inúmeras obras coletivas em que Moles aparece como colaborador: **Semiologia dos Objetos** (Vozes, 1972), **Civilização Industrial e Cultura de Massas** (idem, 1973) e **Linguagem da Cultura de Massas** (idem, 1973).

O ensaio com o qual concorri ao Prêmio BANDEPE, instituído para comemorar os quarenta anos de publicação de **Casa Grande & Senzala**, foi estruturado segundo as idéias de Abraham Moles em **Sociodinâmica da Cultura**, obra que li no mesmo ano de sua publicação em francês, graças ao interesse com que a Livraria Leonardo da Vinci, do Rio de Janeiro, acompanha os estudos e as pesquisas de seus clientes.

Somente um autor como Abraham Moles — formado em Física e em Filosofia — poderia escrever uma obra como esta, que resultou da aplicação de um modelo cibernético na análise de fenômenos culturais — descoberta científica, invenção tecnológica, criação literária e artística, produção e transmissão de sons e imagens — completando suas observações com teorias que revelam um pensamento ao mesmo tempo analítico e sintético.

Embora seja produto de pesquisas e cursos realizados em diferentes oportunidades, o texto se apresenta muito bem estruturado. Sem abusar de fórmulas matemáticas — abuso muito comum entre ciberneticistas — Moles escreveu uma obra complexa na sua formulação, mas simples e até elegante na exposição, completada com esquemas e gráficos bastante sugestivos e esclarecedores. **Sociodinâmica da Cultura** é um exemplo de como as Ciências Exatas se relacionam com as Ciências Sociais e de como a cultura científica pode completar a cultura humanística, sendo, ao mesmo tempo, por ela completada.

A obra é de grande interesse tanto para cientistas sociais, em geral, como, em particular, para sociólogos da cultura e especialistas em teoria da comunicação, Ciência da Informação, Documentação e Museologia. Sem conhecer Ortega y Gasset, Abraham Moles retoma e atualiza as meditações do grande ensaísta espanhol em **Misión del Bibliotecario**, ao recordar que o trabalho dos documentalistas nas grandes instituições da “memória do mundo”, “reveste-se de uma enorme importância filosófica”; pois “aquele que organiza um fichário organiza, ao mesmo tempo, os conhecimentos que estão

contidos neste e estrutura em certa medida o próprio edifício dos conhecimentos” (p. 289).

Infelizmente, a palavra **documentaliste** (que aparece na página 294 da edição francesa) foi inexplicavelmente traduzida como **documentador** (p. 289). Outra injustificável tradução é a de **temps d’emballage** (p. 86 da edição francesa) por **tempo de embalagem** (p. 77). Salvo melhor juízo, a palavra mais apropriada é **enformação**, dicionarizada em língua portuguesa como **atribuição de forma**. Trata-se da etapa na qual a **mensagem**, depois de concebida e explicitamente formulada, transforma-se em texto: manuscrito ou datilografado, composto e corrigido, impresso e publicado, distribuído e **consumido**.

Parece-me igualmente injustificável, na edição brasileira, a omissão dos números dos capítulos, desde que indicados no sumário; e, muito menos, a dos índices onomásticos e temático, indispensáveis em obras tão densas de idéias originais e de citações como esta. As editoras brasileiras não têm o direito de omitir os índices que, se existem nas edições originais, é porque são necessários.

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados •— Universidade de Brasília

MORTON, L. T., ed. Use of medical literature. London, Butterworths, 1974. 406 p. ISBN 0 408 70550 7. £ 7.50. (Information sources for research and development)

Leslie Morton é conhecido dos bibliotecários biomédicos por várias contribuições notáveis para a bibliografia desse campo, principalmente o trabalho de continuação e atualização da **Medical Bibliography** de Garrison, cuja terceira edição foi publicada em 1970. Neste volume, que ele organizou e para o qual escreveu o primeiro capítulo (“Libraries and their use”), participam vários especialistas da Grã-Bretanha, analisando as principais publicações primárias e secundárias das ciências biomédicas.

À semelhança dos volumes anteriores da série — Information Sources for Research and Development —, em que se destacam como de interesse para os *bibliotecários biomédicos* **The Use of Biological Literature**, de R. T. Bottle e H. V. Wyatt, e **The Use of Chemical Literature**, organizado por R. T. Bottle, este se apresenta sob uma forma narrativa, que lhe dá um outro alcance além de um simples guia de

bibliografia especializada. Isso, por outro lado, impõe uma seleção criteriosa e permite que a literatura do assunto seja tratada de forma global, sem desprezar o estudo das publicações primárias do campo geral e suas subespecialidades. Percebe-se, portanto, que uma obra deste tipo não duplica, mas complementa, os guias especializados, como, neste caso, o excelente trabalho de John B. Blake e Charles Roos **Medical Reference Works, 1679-1966**. Destinando-se aos próprios usuários da informação, o livro contém o capítulo inicial, já citado acima, sobre os principais aspectos que os consulentes devem conhecer de uma biblioteca, além de mencionar e descrever sucintamente as principais bibliotecas médicas na Grã-Bretanha e Irlanda e nos Estados Unidos da América. O capítulo seguinte é uma excelente análise das características da literatura biomédica (“Primary sources of information”), principalmente as publicações periódicas.

As publicações secundárias de caráter abrangente são analisadas nos capítulos 3 e 4. O quinto capítulo é um levantamento bastante amplo das fontes mecanizadas de recuperação de informações, descrevendo os sistemas MEDLARS, INFIRS/MEDLARS-2, Excerpta Medica, UKCIS (United Kingdom Chemical Information Service), ASCA IV (Automatic Subject Citation Alert Mark IV), INSPEC e BA-Previews. Nos capítulos subsequentes, encontramos uma análise das fontes de informações nas seguintes especialidades: Anatomia e Fisiologia, Bioquímica, Biofísica e Biologia Molecular, Saúde Pública, Farmacologia e Terapêutica, Medicina Tropical, Anatomia Patológica, Microbiologia Médica, Imunologia e Transplantação, Medicina Clínica, Psiquiatria, Cirurgia e Anestesia, Obstetrícia e Ginecologia, Odontologia, História e Biografia. O último capítulo contém interessantes indicações sobre a organização de índices para uso pessoal dos próprios especialistas.

Pequenos senões não prejudicam a excelente qualidade da obra. Por exemplo, na nota de rodapé da página 25, está **Current Contents, Chemical Practice** quando deve ser **Current Contents, Clinical Practice**. Outra informação inexata encontra-se na página 191, quando afirma que a **Bibliografia Brasileira de Medicina** em seu início abrangia apenas a literatura produzida no Estado de São Paulo. Percebe-se que o autor do capítulo confundiu o **índice-Catálogo Médico Paulista** com o **índice-Catálogo Médico Brasileiro**, ambos compilados por Jorge de Andrade Maia.

Embora a esmagadora predominância de citações de publicações em língua inglesa possa causar estranheza aos consulentes, deve-se lembrar, como bem salienta Leslie Morton no prefácio, que isso reflete o crescente emprego internacional do inglês na literatura médica e científica.

Esta é uma obra indispensável a todos os bibliotecários biomédicos, aos estudantes de Medicina, aos professores dessa matéria e àqueles que nas escolas de Biblioteconomia lecionam bibliografia de ciências biomédicas.

ANTÔNIO AGENOR BRIQUET DE LEMOS
Departamento de Biblioteconomia — Universidade de Brasília

PAINTER, Ann F., **ed.** Classification: theory and practice. **In: Drexel Library Quarterly** 10 (4) :1-120, Oct. 1974. (Este fascículo contém 8 artigos.)

A classificação não parece constituir o lado forte da Biblioteconomia norte-americana. Para prová-lo bastaria lembrar o uso insistente e persistente, quase avassalador, de dois dinossauros da classificação bibliográfica: a Classificação da Library of Congress (LC) e a Classificação de Dewey (CD). Mais ainda. O hábito inveterado de confundir os princípios fundamentais da classificação com as possibilidades e limitações destes dois sistemas levou os bibliotecários americanos a uma tomada de posição que se pode chamar de histórica: o abandono quase total do catálogo sistemático em favor do catálogo dicionário. A partir de então, o que se esperava de um sistema de classificação não poderia ir muito além da localização dos livros nas estantes. A tudo isso se juntou a miragem do computador. Entenda-se. Os serviços prestados pelo computador à Biblioteconomia são realmente muito importantes. Negá-lo seria falta de objetividade e até de bom senso. Mas parece miragem o que muitos, hoje, indevidamente, insistem em esperar do computador.

De qualquer sorte, a Biblioteconomia nos EUA não parece (ou não parecia) empenhada, como a inglesa, em buscar no aprofundamento dos princípios básicos da classificação bibliográfica a solução segura para os graves problemas da recuperação da informação. Como bem observa Gordon Stevenson, no artigo inserido no volume que agora apresentamos ao público brasileiro (p. 13), a Biblioteconomia americana, a partir de certa data, convenceu-se de que nada tinha que aprender de outros povos e só tinha o que ensinar. No entanto, em matéria de classificação bibliográfica ficou paralisada em CD e LC. O internacionalismo que emergiu da Conferência de Paris, em 1961, relacionado com a catalogação descritiva, não atingiu o setor de classificação. A moderna teoria das classificações facetadas, vigorosamente iniciada por Ranganathan e brilhantemente continuada pelo Classification Research Group de Londres, quase não encontrou eco entre os bibliotecários americanos.

Causa, por isso, agradável surpresa a leitura do n.º 4, do volume 10, de outubro de 1974, da revista americana **Drexel Library Quarterly**, todo consagrado ao estudo da classificação, ou mais exatamente, da classificação nos Estados Unidos. Temos que ressaltar, logo de início, a lucidez com que são abordados os vários aspectos do problema.

O artigo intitulado “The Future of Classification” traz a seguinte consideração: vinte anos atrás a classificação poderia ser considerada apenas um grande exercício intelectual, sem nenhum outro valor além deste; hoje, com a extensão do acesso imediato à informação, com o reconhecimento da interdependência das várias disciplinas, a classificação passa a ser vista de maneira bem diferente. O artigo dedicado à CDU, da autoria de Hans Wellisch chega à seguinte conclusão: agora que a euforia inicial da década de 60, relativa ao uso do computador na recuperação da informação já se desfez e o entusiasmo pelos tesouros foi substituído por um sóbrio reconhecimento das exigências na construção e utilização deste como de outros instrumentos de recuperação da informação — sendo que todos dependem em última análise dos princípios básicos da classificação — há lugar para uma nova apreciação dos sistemas de classificação existentes. Entre estes destaca-se a CDU, por muitos declarada morta e sepultada mas que, segundo o autor, tem papel importante a desempenhar no desdobramento futuro de uma linguagem documentária realmente universal e internacional. Também o artigo intitulado “Traditional Classification: Characteristics, Uses and Problems” é muito elucidativo do processo de deterioração da classificação no ambiente americano.

Em síntese: o volume é rico em informações muito úteis também para os bibliotecários brasileiros. Para estes a maior vantagem, creio, na leitura do presente volume pode ser a tomada de consciência do que se pode, com muita razão, chamar de mimetismo cultural. O abandono das classificações, que em alguns ambientes biblioteconômicos brasileiros se tem verificado nestes últimos anos, é apenas um fenômeno de imitação. A meditação do volume que ora apresentamos ao público brasileiro pode servir de corretivo salutar para estes desvios.

ASTÉRIO CAMPOS

Departamento de Biblioteconomia — Universidade de Brasília